



**A GUERRA COLONIAL E SUAS CONTRADIÇÕES
REPRESENTADAS POR LUANDINO VIEIRA EM *NÓS, OS DO
MAKULUSU* E PEPETELA EM *MAYOMBE***

**THE COLONIAL WAR AND ITS CONTRADICTIONS
REPRESENTED BY LUANDINO VIEIRA IN *NÓS, OS DO
MAKULUSU* AND PEPETELA'S *MAYOMBE***

Sebastiana Rodrigues da Cruz Meneguci¹

Recebimento do texto: 01/08/2016

Data de aceite: 05/08/2016

RESUMO: Este Artigo propõe discutir a guerra colonial e suas contradições representada nas obras de Luandino Vieira, *Nós, os do Makulusu*, e Pepetela, *Mayombe*. A história de vida desses dois autores está intrinsecamente ligada a história da independência de Angola. Engajados no processo de libertação, ambos se utilizam de personagens fictícias para descreverem as vidas, as experiências e os pensamentos do povo angolano no contexto de guerra e sofrimento. Quando o salazarismo controlava qualquer manifestação nacionalista e rejeitava qualquer reivindicação de direito para o povo angolano, Luandino Vieira e Pepetela são dos que se levantam em favor da nação angolana livre. Através de sua escrita, ambos são vozes dissonantes em relação ao poder de Portugal salazarista e suas formas arbitrárias de governo.

PALAVRAS-CHAVE: Contradições; Luanda; Guerra; Luandino; Pepetela.

ABSTRACT: This Article aims to discuss the colonial war and its contradictions represented in the works of Luandino Vieira, *Nós, os do Makulusu*, and Pepetela, *Mayombe*. The life history of these two authors is intrinsically linked to the history of Angola's independence. Engaged in the process of liberation, both make use of fictional characters to describe the lives, experiences and thoughts of the Angolan people in the context of war and suffering. When Salazar controlled any manifestation of nationalism and rejected any claim of right to the Angolan people, and Vieira Luandino Pepetela are those who rise up in favor of the Angolan nation free. Through his writing, both are dissenting voices against the power of Salazar's Portugal and its arbitrary forms of government.

KEYWORDS: Contradictions; Luanda; war; Luandino; Pepetela.

¹ Mestre em Estudos literários pelo PPGEL/UNEMAT.



A guerra colonial

Discutir a colonização nos países de Língua Portuguesa, é sempre uma proposta delicada, principalmente se considerarmos que a situação colonial é um fenômeno social global e não meramente parte de uma sociedade, de um país, no caso africano, que nos diz respeito neste artigo. Além de ter seu espaço geográfico invadido, o domínio de suas terras, suas riquezas, o colonizado sofre a pior das invasões: seu livre arbítrio, a liberdade de pensar e de fazer escolhas. Sobre essas considerações observemos essa assertiva de Memmi (1977, p.82):

Enfim o colonizador nega ao colonizado o direito mais precioso reconhecido à maioria dos homens: a liberdade. As condições de vida, dadas ao colonizado pela colonização, não a levam em conta, nem mesmo a supõem. O colonizado não dispõe de saída alguma para deixar seu estado de inferioridade: nem jurídica (a naturalização) nem a mística (a conversão religiosa): o colonizado não é livre de escolher-se colonizado ou não colonizado.

Da forma como aponta o autor, é possível perceber como o processo colonial torna o colonizado um prisioneiro em sua própria terra, pois o mesmo é privado da sua liberdade. E não é somente a liberdade de vida que lhe é tomada, mas também de escolhas, sem nenhum livre arbítrio. E ao inferiorizar o colonizado, o colonizador confere unicamente a si próprio os privilégios do processo colonial sem considerar os direitos do negro africano, e, assim, a colonização é concebida para o colonizador como fenômeno natural da condição dos países colonizados e não como decisão histórica e econômica dos países colonizadores e que, por sua vez, detinham o poder.

Essa ideia de desnaturação, ou seja, de alguém dispensável e inútil, é inculcada ao colonizado para facilitar a sua dominação e “ao concordar com



essa ideologia, as classes dominadas confirmam, de certa maneira, o papel que lhes foi atribuído” (MEMMI, 1977, p.83). Nessa situação de subordinação imposta e automaticamente aceita, a ideologia do dominador vai se incorporando no dia a dia da classe dominada, ainda que isso não lhe traga nenhum privilégio e, por conseguinte, nenhuma felicidade. O colonizado age e vive da forma como foi caracterizado pelo colonizador, acreditando inicialmente na inferioridade do seu retrato desenhado e na incoerência da realidade. Novamente de acordo com Memmi (1977), o resultado dessa dependência articulada na sua mente acaba por levá-lo a aderir os valores ideológicos de quem o colonizou. Enfim, a colonização é aceita e a exploração e desvalorização do ser humano dominado se efetiva. São pensamentos e sentimentos reflexos da ocupação colonial.

A liberdade negada que deixa o colonizado numa situação de inércia, onde se proíbe qualquer forma de participação ativa no processo histórico, acirra a exclusão, em que a desigualdade social e econômica tornam-se a marca decisiva da guerra colonial:

A mais grave carência sofrida pelo colonizado é a de estar colocado *fora da história e fora da cidade*. A colonização lhe veda toda participação tanto na guerra quanto na paz, toda decisão que contribui para o destino do mundo e para o seu próprio, toda responsabilidade histórica e social (MEMMI, 1977, p.86-87, grifos do autor).

Assim, o colonizado vai se submetendo aos desmandos político e econômico de quem o colonizou simplesmente “como objeto” (MEMMI, 1977, p. 87). Nessa dura crítica ao período colonial e a sua consequência desastrosa para quem sofreu esse fenômeno, principalmente o negro africano, as considerações de Memmi acerca desse assunto vão ao encontro da posição de Fanon que sempre destaca o colonizador e o colonizado como pólos



antagônicos desse período, ressaltando sempre a situação de desvantagem para este último, como consciência alienada pelo primeiro.

A contradição no contexto da guerra colonial

No ódio alimentado dia a dia pelas arbitrariedades e injustiças cometidas pelas forças militares, nascia, também, a vontade de lutar e a não aceitação de dominado. O despertar de sua consciência com o desejo de liberdade eclode em lutas sangüinárias, pois “a violência do regime e a contraviolência do colonizado equilibram-se e correspondem-se numa extraordinária homogeneidade recíproca”, segundo Fanon (1968, p.69). A necessidade de resgatar sua dignidade faz os deserdados restituírem sua inteligência e, numa práxis incoerente, mas a única que lhe resta, enfrenta as forças portuguesas, onde a liberdade será o grande trunfo. Não foi uma luta fácil, considerando a superioridade dos aparatos de guerra dos policiais. Novamente Fanon (1968, p.70), descreve a realidade desse momento:

Desde o momento em que o colonizado escolhe a contraviolência, as represálias policiais provocam automaticamente as represálias das forças nacionais. Não há, porém, equivalência de resultados, uma vez que os ataques aéreos ou os canhoneios da frota ultrapassam em horror e importância as respostas do colonizado.

Quando a “contraviolência” supera a razão e o sentimento conduz o ser humano, gera uma situação de guerra. Mas para o colonizado é uma questão de sobrevivência. É a contradição da guerra que impulsiona o confronto e não meramente como uma oposição ao poder por parte do escravizado. Vejamos o que diz Marilena Chauí sobre a diferença de contradição e oposição:



Em geral confundimos contradição com oposição, mas ambos são conceitos muito diferentes. Na oposição existem dois termos, cada qual dotado de suas próprias características e de sua própria existência, e que se opõem quando, por algum motivo, se encontram. Isso significa que, na oposição, podemos tomar os dois termos separadamente, entender cada um deles, entender por que se opõem se se encontrarem e, sobretudo, podemos perceber que eles existem e se conservam, quer haja ou não haja a oposição (CHAUÍ, 1991, p.36).

Lançando mão do conceito acima da pesquisadora, podemos, então, compreender ainda melhor o momento crítico do colonizado. Não há oposição na situação colonial, portanto, não existem dois termos, pois o colonizado só existe porque é uma invenção do colonizador e um não existe sem o outro, porque é “o colono que *fez e continua a fazer* o colonizado. O colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial” (FANON, 1968, p. 26, grifos do autor). Numa total desvantagem nessa relação criada pelo império, a parte fraca, embora maioria, entende a necessidade de usar o mesmo artifício da guerra contra a metrópole que os escravizara. Dessa forma, nos reportemos novamente às palavras de Chauí (1991, p.36): “Na contradição só existe a relação, isto é, não podemos tomar os termos antagônicos fora dessa relação. São criados por essa relação e transformados nela e por ela.” É a relação de colonizador e colonizado, ou seja, dominador e dominado do contexto colonial, o que justifica as atitudes contraditórias por parte de quem está sofrendo. Encurralado com os desmandos do império não lhe resta saída a não ser guerrear. Então, já não é somente a emoção a criar coragem no sujeito humilhado, mas sim, pensamentos articulados e ordenados, originados por uma sequência de espancamentos e mortes. Condenados por pertencer a terras africanas, ou seja, a sua própria terra era necessário colocar um fim a uma relação criada apenas para beneficiar um lado: o dos portugueses.



A guerra de libertação na obra de Luandino Vieira

Para uma melhor compreensão de como Luandino Vieira tece uma crítica dura e de forma tão clara nas suas narrativas de ficção a respeito da temática da guerra colonial e suas mazelas deixadas para o povo angolano, se faz necessário compreender, também, a luta pessoal desse escritor, engajado com a revolução do país que adotou por opção.

Uma das maiores vozes da literatura africana de língua portuguesa, José Luandino Vieira, nascido em Portugal em 1935, mudou-se com seus pais para Angola ainda muito pequeno, vivendo em musseques até a adolescência. De acordo com Chaves (2005, p.20) “A infância vivida nos bairros populares, em comunhão com os meninos negros e mestiços e a gente pobre da cidade, deixaria marcas fortes e seria convertida em poderosa experiência”. Experiência esta que o tornaria um dos atores mais importantes no processo de Revolução e Independência de Angola. Portanto, essa cidade de Luanda é referenciada por alguns momentos na sua obra *Nós, os do Makulusu*. Integrou-se à geração da revista angolana “Cultura” (II) com publicação entre 1959 e 1961. Desta forma, participou da consecução do projeto nacionalização da literatura angolana juntamente com outros integrantes.

Tornou-se cidadão angolano tendo contribuído para a criação da República Popular de Angola, combatendo nas fileiras do MPLA – Movimento pela Libertação de Angola durante a Guerra Colonial: “Grande parte da história do angolano Luandino Vieira confunde-se com a história da luta pela independência política de seu país, o que o levou a sofrer profundamente as consequências da militância política.” (MARTIN, 2008, p. 25). E ainda segundo essa pesquisadora, Luandino Vieira nunca desacreditou no processo de transformação política e social de Angola e a sua confiança nessa transformação é que atestava sua capacidade de resistência. Era convicto de um regime político que construísse bases de cidadania para o



povo angolano. E em decorrência da luta contra a dominação portuguesa em Angola foi preso pela polícia portuguesa em 1959, acusado de ter ligações com o movimento independentista, mas libertado pouco depois.

Em 1961 foi preso uma segunda vez e condenado a 14 anos de prisão, muitos dos quais foram cumpridos no campo de concentração de Tarrafal, em Cabo Verde, onde escrevera grande parte de suas obras, como comprovamos ainda segundo Martin (2008, p.25):

Luandino, nome que o autor escolhe para assinalar sua identificação com a capital angolana, diz muito de sua dedicação à causa da libertação nacional. A maior parte da obra do escritor foi escrita na prisão e sua publicação, quase *a posteriori*, não corresponde necessariamente à ordem em que foi escrita.

Na verdade, Luanda é eleita como sua terra natal, que já a incorpora ao seu próprio nome, reafirmando sua ligação com a mesma, pois José Luandino Vieira é apenas um pseudônimo literário de José Vieira Mateus da Graça, como afirma Chaves (2005, p.21): “O amor por Luanda invade-lhe o nome: o pseudônimo, utilizado inicialmente para assinar os desenhos editados num dos jornais, ficaria definitivamente incorporado a sua figura e a sua personalidade.” Chaves novamente é quem nos dá a noção exata desse encantamento de Luandino Vieira pela capital angolana, espaço que batiza como seu lugar de coração, sempre presente na suas narrativas como na sua própria vida.

A guerra de libertação na obra de Pepetela

O escritor angolano Artur Maurício Pestana dos Santos, conhecido como Pepetela é um dos grandes nomes da literatura africana de língua portuguesa. A participação de Pepetela enquanto comissário no MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola – permite representar no seu



romance *Mayombe* o grupo de guerrilheiros que lutou pela descolonização de Angola, no período da guerra colonial. A identificação do real com as personagens fictícias entrelaça-se através descrição dos guerrilheiros não como heróis absolutos, mas em sua dimensão humana, sobretudo pelos conflitos políticos, sociais e pessoais vividos por esses indivíduos, e das ideologias e contradições internos do próprio Movimento. “Pepetela acredita na possibilidade de realização dessa utopia libertária, que não é abstrata. Não se configura num modelo ideal sem projeto” (ABDALA JUNIOR, 1997, p. 243).

Por ser um dos envolvidos no Movimento de libertação de Angola, Pepetela parece prenunciar também, nessa obra *Mayombe*, a guerra civil desencadeada posteriormente pelos três partidos internos de luta pela libertação, o FNLA – Frente Nacional pela Libertação de Angola -, a UNITA – União Nacional pela Independência Total de Angola -, e o MPLA, visando à tomada de poder, entre os anos 1975 e 1992. Com uma dura crítica à situação angolana, Pepetela articula a poeticidade na sua escrita com a estruturação das falas dos angolanos, e assim, sua obra expõe identidades várias, constituídas a partir das relações estabelecidas no processo de colonização, por estar

em permanente estado de alerta para com questões fundamentais da conjuntura angolana. Sua crítica das instituições e a forte presença da história angolana na ficção do autor podem ser focalizadas como linhas de força que percorrem e, não raro, estruturam seus textos (CHAVES; MACEDO, 2009, p.296).

E como voz crítica ele se utiliza das próprias personagens para fazer sua denúncia, propor debates acerca da realidade dentro de uma perspectiva de revolução, de luta consciente e resistência contra um regime tão cruel e desigual. E nesse panorama nos apresenta o grupo de guerrilheiros no meio



da floresta Mayombe e todas as suas ponderações e diferentes pontos de vista no decorrer da obra. Um longo discurso entre essas personagens é traçado sob a égide da verdade e da ficção, como a explicar os próprios sentimentos e anseios do autor em relação à guerra.

A luta pela independência de Angola leva Luandino Vieira e Pepetela, através de sua obra, *Nós, os do Makulusu* e *Mayombe*, respectivamente, exaltar Luanda nos seus mais diferentes aspectos como que, para exprimir a força de um povo ansioso por firmar sua dignidade. Desta forma, é possível discutir a questão da guerra colonial e suas contradições nas obras de Luandino Vieira e Pepetela, diante do contexto de lutas políticas, de mortes e de sobrevivência ao massacre de uma dolorosa guerra. Perceber a ideologia de vida das principais personagens e as ideias impregnadas totalmente condicionadas pela situação histórica de Angola, bem como as suas aspirações. Nos ideais de uma nação livre, apresentam-se os discursos polifônicos, que muitas vezes aparecem de forma crítica a respeito da guerra e das consequências dos seus desdobramentos, buscando desmascarar as atrocidades do período colonial. Nos seus romances, *Mayombe* e *Nós, os do Makulusu*, principalmente, Pepetela e Luandino Vieira mostram a confluência de interesses dos guerrilheiros na luta pela independência de Angola, ainda que por alguns momentos ou situações, discordem entre si, como a desconfiança que o Comandante provoca em Mundo Novo em alguns momentos: “o comandante não passa, no fundo, dum diletante pequeno-burguês, com rasgos anarquistas” (PEPETELA, 2013, p. 117), ou quando o próprio Sem Medo pondera seus pensamentos para evitar um conflito maior entre eles: “Tens razão, as palavras são relativas. [...] Muitas vezes tenho que fazer um esforço para evitar engolir como verdade universal qualquer constatação particular” (PEPETELA, 2013, p. 174). Em *Nós, os do Makulusu* os impasses entre as personagens que lutam que libertação acontece por



vários momentos, como quando Mais Velho ao discutir com os amigos o controle que o poder exerce sobre todos os outros assuntos relacionados às pessoas e à dignidade humana, ouve de Kibiaca: “– Sempre complicado, o Mais Velho!” (VIEIRA, p. 137), e em outro momento “- Mais Velho, porra! Um gajo também se cansa de não ser homem!” (VIEIRA, 2008, p.145), em que Kibiaca convence Mais Velho a dar-lhe uma arma para se embrenhar na mata e ir lutar, o que resulta na sua morte. Essa pluralidade da realidade entre os guerrilheiros pode ser vista como o prenúncio da guerra civil entre o FNLA (Frente Nacional pela libertação de Angola), UNITA (União Nacional pela Independência Total de Angola) e MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) a partir de 1975.

A contradição da guerra também é outra questão importante a ser considerada em ambas as obras, pois fazem um contraponto com a ideologia de vida de alguns personagens, que mesmo odiando a guerra se submetem aos desmandos do regime salazarista, como é o caso de Maninho, irmão do protagonista intelectual e revolucionário, que sabe que apesar de lutar na guerra, a sua causa é de revolta contra o estardalhaço que produz a guerra, que sua luta é mais para colocar um fim naquela angústia que sacrificava a todos do que mesmo por ambição e que também não era feliz. Vejamos como Mais Velho defende e tenta justificar as atitudes de Maninho nessas palavras: “O teu preço é sangue e ele não lhe quer: a guerra que faz não é uma vingança nunca. Talvez, muitas vezes, uma forma de expiação. De legítimo e limpo holocausto. Suicídio em legítima defesa alheia” (VIEIRA, 2008, p.125). Ou morrem lutando contra o colonialismo, por acreditarem que é somente através da sua união como guerrilheiros, que reconquistarão a sua terra africana. Em *Mayombe*, o registro antagônico da consciência dos guerrilheiros acentua a contradição, onde a ideologia de cada um sobre a luta revolucionária não se sobrepõe a outra, mas propõe múltiplas verdades, que culmina com um



desabafo do protagonista Sem Medo: “Que todos os homens deixam de ser estúpidos e começam a aceitar as ideias dos outros. Que se poderá andar nas ruas. Que se poderá rir à vontade. Que se faça amor quando quiser” (PEPETELA, 2013, p. 195). O inimigo, aqui em questão, é o próprio colonialismo e suas formas arbitrárias, as quais sempre foram combatidas pelos próprios autores na vida real, em defesa da cidade de Luanda. Fazendo uma grande interação entre ficção e história, Luandino Vieira e Pepetela instauram algumas discussões acerca do destino de Luanda. Desta forma, a organização sistemática do campo ficcional da floresta Mayombe e da Luanda fictícia em contraponto com o espaço histórico de Luanda é uma das características mais marcantes nas obras dos dois autores.

Dessa forma, a contradição é um elemento estrutural dessas obras. E não é a contradição no sentido de oposição, de dois termos separadamente, mas a contradição da guerra que impulsiona o confronto. Mesmo porque não há oposição na situação colonial, portanto, não existem dois termos, pois o colonizado só existe porque é uma invenção do colonizador e um não existe sem o outro. Se é a guerra que mata e destrói vidas ou sonhos, também é através da guerra que se pode chegar à libertação ou à realização dos mesmos. É o paradoxo da guerra do período colonial, onde o fim justifica os meios, sem nenhuma alternativa. São as contradições de um contexto de guerra e de injustiças, que não raramente se submetem os guerrilheiros.

A temática da guerra abordada nessas obras está impregnada da crítica anticolonialista utilizada pelo próprio Luandino Vieira e Pepetela, sendo estes umas das maiores vozes da literatura africana de expressão portuguesa. Enquanto *Nós, os do Makulusu*, o autor se utiliza da voz do narrador personagem para abordar as experiências traumáticas desse período e as contradições da guerra, como vemos neste diálogo travado entre o protagonista Mais Velho com seu irmão Maninho: “Olha, Mais-Velho: não a



odeias mais do que eu. E só há uma maneira de a acabar, esta guerra que não queres e eu não quero: é fazer-lhe depressa, com depressa, até no fim, gastá-la toda, matar-lhe” (VIEIRA, 2008, p. 26), em *Mayombe*, Pepetela descreve a dimensão humana dos guerrilheiros, os seus conflitos e contradições dentro do próprio movimento de luta pela libertação de Angola, como percebemos nas palavras do personagem central Sem Medo: “os meus guerrilheiros são [...] um conjunto de seres diferentes, individuais, cada um com as suas razões subjectivas de lutar” (PEPETELA, 2013, p. 232).

Considerando o momento em que ambos os autores escreveram esses romances – Luandino preso no campo de Tarrafal e Pepetela lutando no MPLA -, os mesmos teriam sido escritos com o objetivo de uma compreensão melhor da realidade em que estavam inseridos. É a vida dos autores convergindo com o que escrevem. Um ponto alto observado nas obras desses escritores e não somente em *Nós, os do Makulusu* e *Mayombe*, é o fato de relacionar a escrita e a tradição oral. Os dois autores consideram a dimensão da guerra colonial e os seus desdobramentos na sua arte literária, com uma consciência engajada na luta da construção identitária de uma nação, sem se deixar levar pela universalidade do pensamento ocidental, mas consolidando um projeto de cultura nacional e afirmando a resistência do povo angolano ao colonialismo português.

Referências

ABDALA JUNIOR, B. **Estado e Nação nas Literaturas de Língua Portuguesa**. Porto: Campo das letras, 1997.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. (et al.) **A personagem de ficção**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.



CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique** - Experiência Colonial e Territórios Literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

_____. **A Formação do Romance Angolano**. São Paulo: Bartira, 1999.

CHAVES, Rita e MACEDO, Tania (orgs.). **Portanto...Pepetela**. São Paulo: Ateliê, 2009.

CHAUI, Marilena. **O que é Ideologia**. 34a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Pref. Jean-Paul Sartre. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HAMILTON, Russel G. **Literatura Africana, Literatura Necessária I**. Lisboa: Edições 70, 1981.

LABAN, Michel *et alii*. **Luandino. José Luandino Vieira e sua obra (estudos, testemunhos, entrevistas)**. Lisboa: Edições 70, 1980. [*Signos*, n. 32]

LARANJEIRA, Pires. **Um romance-rio**. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Nº 942. Lisboa: Edições 70, 2006. p. 8-21.

LEVÉCOT, Agnes. Uma guerra sem guerra: da circunstância à universalidade em Nós, os de Makulusu de Luandino. In: BATTISTA, Elisabeth; MAQUÊA, Vera; SILVA, Agnaldo Rodrigues. (Org.). **Poética, Políticas e Representações literárias**. São Paulo: Arte e Ciência, 2011.

MACÊDO, Tania. A representação literária de Luanda – uma ponte entre Angola, Brasil e Portugal. In: *Via Atlântica*, São Paulo, nº 01. P.18-127, Março de 1997.

_____. **Luanda, cidade e literatura**. São Paulo: Editora Unesp; Luanda: Nzila, 2008.

_____. Monandengues, pioneiros e catorzinhas: crianças de Angola. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane. (Org.). **A kinda e a misanga** – encontros brasileiros com a literatura angolana. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nzila, 2007, pp. 357-373.



-
- MAQUÊA, Vera. **A escrita nômade do presente: literaturas de língua portuguesa.** São Paulo: Arte e Ciência, 2010.
- MARTIN, Vima Lia. **Literatura e marginalidade: um estudo sobre João Antonio e Luandino Vieira.** São Paulo: Alameda, 2008.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador.** Trad.: Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1977.
- NASCIMENTO, José Ferreira do. Rosa dos Ventos, de Luandino Vieira: Angola via Brasil. In: DUARTE, Lélia Parreira. **Veredas de Rosa.** Belo Horizonte: PUC Minas, 2000, p. 322-326.
- PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre Voz e Letra. O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX.** 2. ed. revista. Niterói: EdUFF/Rio de Janeiro: Pallas, 2007.
- _____. **Novos pactos, outras ficções.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- PEPETELA. *Mayombe.* São Paulo: Leya, 2013.
- ROSENFELD, Anatol. (*et al.*) **A personagem de ficção.** 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas: histórias e antologia.** São Paulo: Ática, 1985.
- SANTOS, Eduardo Prazeres do. **Os grandes abalos morais são como as bexigas: se não matam, imunizam. Mas deixam a marca ostensiva da arte. Gândara,** Rio de Janeiro, p.31-41, 2005.
- SANTOS, L.A.B. e MARTINS, S.O. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura.** 2 ed. São Paulo: Ática, 1993.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. “A Androginia do Poético em Luandino Vieira e Guimarães Rosa”. In: **Boletim do Centro de Estudos Portugueses.** Universidade Federal de Minas Gerais, v.14, n.17, p. 73, 1994.



SECCO, Lincoln. **A revolução dos Cravos**. São Paulo: Alameda, 2004.

TRIGO, Salvato. **Luandino Vieira – o Logoteta**. Porto: Brasília Editora, 1981.

VIEIRA, José Luandino. **Nós, os do Makulusu**. 5a. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.

_____. **De rios velhos e guerrilheiros – O livro dos rios**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

Webgrafia:

PEICY, Carlos. **Revista África e Africanidades**. Ano 3 – n. 10, agosto, 2010. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br> Acesso: 19 jul. 2011.

ONDJAKI. Memória Roda Viva. **Roda Viva**. Disponível em <www.rodaviva.fapesp.br/materia/238/.../ondjaki_2007.htm> Acesso em: 25 de maio de 2012.

SIMÕES, Eduardo. Luandino quebra seu silêncio. **Jornal Folha de São Paulo** em 31/12/2007. Disponível em <<http://www.controversia/blog>> Acesso em: 23 fevereiro 2012.